JORNADA PELA ACADEMIA

Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí

Tradução para uso didático de **Oyeronke Oyewumi: Journey Through Academe**, disponível em <https://www.scribd.com/document/221361499/Oyewumi-The-Journey-Through-Academe>[1], por Aline Matos da Rocha. Revisão de wanderson flor do nascimento.

Pano de fundo para a jornada: caminhos para uma nova definição de gênero

A tendência dominante das caracterizações Ocidentais do mundo social tende a ser unilinear e universalista de modo que capture a teorização crítica sobre o resto do mundo; de fato, o pensamento do Ocidente sobre gênero, hierarquia social, cidadania, democracia e África, entre outras coisas, precisa de sérios reparos. Preconceitos culturais ameaçam negar agência para muitas experiências, exceto quando estas experiências são filtradas através das representações ocidentais. Olhando para as realidades africanas sem tais preconceitos descobrem-se diferentes concepções da problemática.

Comecei minha jornada acadêmica estudando ciência política na Universidade de Ibadan (UI), Nigéria. A maioria dos nossos estudos estavam concentrados no Estado, e liamos os teóricos da política ocidental, Karl Marx, os teóricos do contrato social, Joseph Schumpeter, Jeremy Bentham, Nicolau Maquiavel, dentre outros. O currículo estava baseado em noções de "civilização ocidental", e a universalidade destas experiências estavam dadas como certas. Nós também tínhamos vários cursos sobre política africana, o que me forneceu uma compreensão do importante papel da colonização na constituição do Estado em África.

No entanto, quando me candidatei a um curso de pós-graduação nos Estados Unidos na década de 1980, decidi ir para a sociologia e não para a ciência política. Por quê? Durante a minha graduação na UI, tive apenas um curso de sociologia, a sociologia da família, no qual estudávamos os textos sociológicos Ocidentais padrões sobre família. Aprendemos pouco ou nada sobre os sistemas familiares africanos. O

[1] Há um extrato dessa jornada disponível no Joburg Post online, intitulada Power of words: Oyeronke Oyewumi "pathyways to a new definition of gender. cf: <https://www.joburgpost.co.za/2017/08/11/power-words-oyeronke-oyewumi-pathways-new-definition-gender> (N. da T.).

curso de sociologia em particular, entretanto, me causou uma profunda impressão em relação ao interesse que tinha começado a desenvolver na família como uma instituição. Tornei-me agudamente consciente da variedade de organizações familiares na sociedade nigeriana, tendo eu crescido em uma grande, opulenta e, ainda, "tradicional" família africana, em nítido contraste com muitos dos meus amigos cujas mães foram educadas em universidades, e viviam no que pareciam ser famílias nucleares ocidentais. Tendo aprendido o quanto a colonização tinha a ver com as mudanças nas formas de família, meu interesse foi estudar a intersecção da colonização e família. Sociologia me pareceu ser a disciplina onde eu poderia estudar a família; a ciência política não tinha espaço para isso. Naquele momento, eu não tinha uma nítida compreensão da divisão público/privado no pensamento ocidental, e como ela poderia moldar as fronteiras das diferentes disciplinas.

Quando me inscrevi na Universidade da Califórnia, em Berkeley, na década de 1980, não sabia que lá existia uma área de estudos nova e em desenvolvimento chamada gênero ou estudos das mulheres. Por isso, fiquei agradavelmente surpreendida pelos cursos ofertados, e prontamente me registrei no meu primeiro seminário de sociologia de gênero. Nas minhas aulas de gênero, fiquei chocada com as pomposas afirmações que estavam sendo feitas sobre as mulheres de todas as sociedades e de todos os tempos: afirmam que as mulheres são impotentes, e que em todas as sociedades, ao longo do tempo, as mulheres foram oprimidas. Não via as evidências dessas afirmações; que devem ser baseadas na pressuposição de que porque as sociedades ocidentais aparecem de uma determinada maneira, então todas as outras sociedades tinham que ser assim. Além disso, porque a igualdade das mulheres era um sinal de civilização e o Ocidente foi reputado a região mais civilizada do mundo, os ocidentais acreditavam que nenhuma sociedade poderia ter sido organizada diferentemente.

A Antropologia foi a disciplina que trouxe para o Ocidente a ideia de que o gênero é construído socialmente, que as sociedades organizaram as categorias de gênero de diferentes maneiras, e que, portanto, gênero deve ser compreendido como uma construção social e não biológica. Esta afirmação não provocou nenhum abalo nas

afirmações universalistas do Ocidente quando os/as antropólogos/as foram ao redor do mundo para procurar por mulheres e subordinação feminina. Não houve nenhuma questão desde o ponto de vista de que "mulheres" existiam como uma categoria, como um sujeito, sempre já constituído e pronto para ser estudado. A antropologia do gênero, curso que frequentei em Berkeley, tornou isso muito evidente ao examinarmos pesquisas que pretendiam ser sobre uma tribo chamada "mulheres". Um dos textos mais influentes durante este período foi *Women, Culture and Society*, um tomo antropológico editado por Michele Rosaldo e Louise Lamphere, no qual vários acadêmicos e acadêmicas afirmam que a subordinação das mulheres é universal.

Fiquei particularmente intrigada com a constante afirmação que, apesar do fato das diferenças entre homens e mulheres não serem grandes, sociedades humanas usaram todos os tipos de artifícios como linguagem e organização familiar para enfatizar e exagerar essas diferenças a fim de manter as mulheres impotentes e subordinadas. Esta afirmação me fascinou porque a língua iorubá contradiz completamente tal declaração. Ao invés de perceber machos e fêmeas como diferentes, os iorubás, efetivamente, os apresentaram como linguisticamente o mesmo. Pontuei, em minhas salas de aula, que o iorubá era uma língua não-generificada *par excellence* na qual não havia pronomes de gênero ou categorias de parentesco generificados. Os povos iorubás não têm uma palavra individual para filho, filha, irmão ou irmã no seu vocabulário cotidiano. Do mesmo modo, as categorias iorubás traduzidas por marido e esposa no inglês não eram específicas de gênero porque ambas as categorias incluem pessoas de ambos os sexos anatômicos. Em todo caso, expliquei nas aulas que eu estava considerando as categorias iorubás de parentesco como expressando senioridade e não gênero.

Mais importante ainda, continuei, hierarquia dentro da família não era baseada em gênero, mas essa conduta privilegia a pessoa que é mais velha em qualquer interação particular, a qualquer momento. Ninguém, ao que parece, queria considerar as minhas conclusões. Quando eu levantava a mão na sala de aula e objetava estas injustificadas pressuposições universais sobre homens e mulheres, meus comentários eram ignorados ou rejeitados. Posteriormente, entendi que a África não contava muito

nas teorias sobre a condição humana. Além disso, tomei consciência que África foi considerada o continente mais primitivo e misógino, uma visão que tornou difícil para alguns dos meus professores e colegas levarem a sério quaisquer comentários que não se adequassem aos seus preconceitos. Como uma consequência deste equívoco sobre África, fui constantemente questionada por colegas e às vezes professoras/es sobre por que estava matriculada em sociologia e não antropologia. Na Universidade de Ibadan, como em muitas universidades do continente africano, não há departamento de antropologia por causa da vergonhosa história da antropologia como serva da colonização. Gostaria de pedir aos meus interrogadores para explicar a diferença entre antropologia e sociologia. Vários colegas responderiam que antropólogos estudam "Outras" sociedades e sociólogos estudam sua própria sociedade. Eu responderia, "Voilà, sou uma socióloga porque estudo a minha própria sociedade!".

Durante este período também estava fazendo cursos de sociologia da raça e relações étnicas e descobri que era "negra", uma identidade que não tinha antes de chegar aos Estados Unidos. Em função de meu curso na pós-graduação não ter sido financiado pela universidade ou por qualquer outra organização, tive que gastar muito tempo como assistente de ensino e monitora de graduação para ganhar dinheiro para a meus gastos correntes e despesas educacionais. Como as vagas para assistentes de ensino eram cobiçadas e, dentro do meu departamento, o número de vezes que alguém poderia servir como um AE na carreira de pós-graduação era limitado, tinha que sair do departamento e procurar por empregos que eu pudesse encontrar no campus. Como entrei no país como estudante estrangeira, não estava autorizada a procurar emprego fora do campus.

Um departamento que repetidamente me apoiou como "assistente de ensino" e que tornou possível para mim concluir meus estudos na pós-graduação foi o Departamento de Estudos Afro-Americanos. Como na época esse departamento não tinha seus próprios estudantes de pós-graduação, recrutava assistentes de ensino de outros departamentos. Este envolvimento com o Departamento de Estudos Afro-Americanos foi de um benefício inestimável, porque através dos muitos cursos sobre a experiência afro-americana, recebi uma formação completa sobre a história, a cultura e

a política dos Estados Unidos e, como resultado, me tornei uma especialista em Estudos Estadunidenses. Além disso, escolhi raça como uma das minhas áreas de concentração, integrando-a com os meus estudos sobre a colonização Europeia da África.

Os outros dois campos em que fiz um exame de qualificação pré-dissertação foram gênero e desenvolvimento. Quando chegou o momento de escolher um tema de dissertação, ficou nítido para mim que teria que me afastar do desenvolvimento porque sentia que o campo emergente de mulheres no desenvolvimento já havia produzido mulheres africanas como o animal de carga que deveria ser libertado pelas mulheres ocidentais. Costumava expressar meu receio com esta representação de África insistindo que o que queria fazer era estudar africanos, mas não desenvolvê-los. Minha reação contra esta representação das mulheres africanas foi tão forte que o primeiro capítulo da minha dissertação foi intitulado, "O Fardo da Mulher Branca: Mulheres Africanas no Discurso Feminista Ocidental" (OYĚWÙMÍ, 2003, capítulo 02). Defini o que queria fazer na minha dissertação como um estudo da cultura e não do desenvolvimento.

Quanto mais familiar me tornava dos escritos das feministas afroamericanas, mais problemática ficava a ideia emanada do feminismo branco de que todas as mulheres são o mesmo e igualmente oprimidas. De fato, percebi que as teorias e os conceitos discutidos nas minhas aulas de sociologia vieram das experiências europeias e americanas e foram baseados em pressuposições sobre a sociedade e a condição humana que pode ou não ter nada a ver com a África. Para mim, então, ficou evidente que cada conceito e teoria que eu encontrava, teria que compreender seus pressupostos subjacentes e interrogar suas afirmações em relação às sociedades africanas que eu estava tentando compreender. Por fim, escolhi um tema de dissertação que me permitiu tentar entender as afirmações ocidentais sobre gênero, sobre mulheres e as suas intersecções com a história, cultura, religião e política usando os dados de pesquisa que estava reunindo sobre a sociedade iorubá.

Mas a tarefa que estabeleci para mim mesma não era fácil. Ninguém na minha banca de qualificação compreendeu o que eu estava tentando fazer e, portanto, eles

poderiam oferecer pouca orientação. Além disso, não havia protótipo, e nenhum estudo parecido que eu poderia usar como modelo. Para oferecer um exemplo das dimensões do problema, tinha um professor que era um africanista e cujo seminário de pós-graduação se tornou uma oportunidade de desenvolver um prospecto de dissertação e simultaneamente escrever propostas que poderíamos usar para buscar financiamento do *Social Science Research Council (SSRC)*. Depois que escrevi minha proposta, ele me explicou que ninguém iria levá-la a sério, e muito menos financiá-la, porque não tinha localizado meu estudo no contexto da literatura. "Você tem que situar seu trabalho no contexto da literatura", ele explicou. É assim que a pesquisa e o trabalho acadêmico são feitos". Respondi que não me interessava pela literatura porque era preconceituosa e distorcida, estereotipando africanos e não refletia precisamente as realidades africanas. *Não quero a literatura que deprecia meu trabalho*. Meu sofrente professor ainda disse mais, "você deve se envolver com a literatura: você deve lê-la, pode criticá-la ou incorporá-la, mas você não pode dispensá-la precipitadamente".

É desnecessário dizer que eu não estava feliz com isso. Outro desafio foi como escrever sobre categorias iorubás não generificadas em uma língua generificada como o inglês. Eu seria capaz de tornar as categorias iorubás inteligíveis para a *intelligentsia* fixada pelo gênero? Perguntava-me se haveria alguma literatura fora da tradição ocidental – chinesa ou japonesa, por exemplo – que poderia me libertar do que eu pensava ser uma armadilha sufocante. Infelizmente, não havia nenhuma; eu percebi que não havia "fora" do Ocidente em relação à literatura acadêmica. Devo ter elaborado uma proposta de pesquisa coerente, entretanto, porque isso me trouxe uma subvenção que me levaria à Ibadan na Nigéria para conduzir minha pesquisa. E uma vez lá, compreendi meu projeto de pesquisa como um esforço:

> Para documentar por que e como gênero veio a ser construído na sociedade iorubá do sudoeste da Nigéria – e como gênero é constituído como uma categoria fundamental no conhecimento acadêmico sobre os iorubás. A principal questão abordada é esta: quais são as relações entre, por um lado, distinções bio-anatômicas e diferenças de gênero como parte da realidade social e, por outro lado, as construções de gênero como algo que o observador traz para uma situação particular (OYĚWÙMÍ, 1997, p. ix).

Quando compreendi que eu tinha que começar com a questão "o que é gênero?", interrogando assim a sua aceitação, e percebendo a sua suprema importância na organização do pensamento ocidental quando meu trabalho chegou ao caminho certo. Essa percepção é importante porque grande parte da literatura de africanos sobre o tema de gênero não começa compreendendo o significado de gênero, sua profundidade e seu alcance no pensamento ocidental. Como um resultado desse desconhecimento do que é gênero, muitos pesquisadores africanos assumem as predileções ocidentais envoltas em linguagem teórica e conceitual e as absorvem nas comunidades e situações de estudo, sem questionamento.

Assim, no primeiro capítulo de *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*[2], desconstruí o significado de gênero na sociedade ocidental, afirmando que está ligado a noções biologicamente deterministas de sociedade: a ideia do corpo como a base da hierarquia social. As duas citações seguintes que trago no livro captam o significado da biologia do corpo humano na cultura ocidental: de acordo com a socióloga Dorothy Smith, nas sociedades ocidentais, "um corpo de um 'homem' dá credibilidade a sua fala, enquanto o corpo de uma mulher o afasta dela". Judith Lorber observa a ubiquidade das noções de biologia no reino social quando ela escreve que "gênero é tão dominante na nossa sociedade [ocidental] que assumimos que é reproduzido em nossos genes". Dada a evidência, eu não poderia fazer a mesma afirmação para a sociedade iorubá.

O questionamento que surge dessa conclusão é esta: sobre que bases as categorias ocidentais são exportáveis ou transferíveis para outras culturas que têm uma lógica cultural diferente? Ficou nítido para mim que a colonização, as respostas para as investidas e seus legados estavam implicados em como as sociedades africanas vieram a desenvolver categorias e organizar instituições que se pareciam com as do Ocidente. A colonização foi nitidamente central para o estudo.

[2] Em tradução livre *A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano sobre os discursos ocidentais de gênero.* Essa é a sua tese de doutoramento de 1997, da qual ainda (assim como todas as obras de Oyěwùmí) não temos tradução para o português (N. da T.).

Debates acadêmicos

Meu trabalho aborda uma série de debates em teoria social, gênero, estudos feministas, pós-coloniais e africanos:

O debate sobre a fonte e a origem das categorias de gênero na sociedade. Essa discussão geralmente é enquadrada como um debate entre deterministas biológicos que acreditam que as hierarquias de gênero são inerentes à natureza, e os construcionistas sociais, que afirmam que as hierarquias de gênero na sociedade são uma função da organização social desigual. Essa é uma variação no antigo debate natureza/cultura na cultura ocidental. Em *The Invention*, mostro que a oposição entre deterministas biológicos e construcionistas sociais foi mais aparente do que real; no pensamento ocidental, ambos os grupos deram como certa a ideia de que todas as sociedades eram, de modo inerente, socialmente organizadas em torno de corpos que foram compreendidos como generificados em masculino e feminino. Desde minha perspectiva, a única diferença entre as duas abordagens foi que os construcionistas sociais reconheceram o papel significativo desempenhado pela organização social desigual na socialização e na criação da superioridade masculina e subordinação feminina. Tanto os construcionistas sociais quanto os deterministas biológicos, no entanto, acreditam na inevitabilidade do gênero na organização do mundo social. Minhas conclusões sugerem que a questão principal não é se o corpo ou a biologia na realidade fornecem evidências da diferença de gênero, mas ao invés, se em alguma determinada sociedade o corpo é percebido assim e, portanto, essa sociedade se organiza em conformidade com ele. Minha principal conclusão é que a sociedade iorubá não se organizou em torno de linhas de gênero e não criou categorias de gênero até recentemente em sua história.

Desse modo, demonstro que o problema de gênero não se encontra na biologia, mas no que a biologia é chamada a fazer pela organização social. Concluo que gênero não é apenas socialmente construído, mas também histórico. Se as categorias de gênero são universais atualmente, como elas parecem ser, então devemos historicizar por que e como elas vieram a ser constituídas em lugares específicos e em períodos de

tempo particulares. É importante notar que a ideia de que gênero é socialmente construído não é uma declaração de que a biologia é irrelevante ou que a natureza não conta. Em vez disso, a noção de construção social propõe como a biologia seja interpretada, e quais atributos biológicos contam, são questões culturais localizadas em como determinadas sociedades querem interpretar a biologia e certamente interpretar o que é biológico. Devemos lembrar que mesmo antes dos hormônios e da biologia de reprodução serem "descobertos", algumas sociedades já tinham noções muito decididas das diferenças naturais entre machos e fêmeas.

O debate sobre o essencialismo. Esse debate diz respeito à ideia de que as coisas têm uma essência verdadeira que define o que elas são. Nos discursos de gênero, essencialismo significa que as categorias homens e mulheres têm as suas próprias essências e, por implicação, homens e mulheres são naturalmente e essencialmente diferentes. O corolário desse modo de pensamento essencialista é que todas as mulheres são o mesmo, e que a categoria mulher já existia antes da nossa busca por ela. Nos discursos feministas voltados para a libertação das mulheres, a categoria "mulher" sempre foi constituída como subordinada e esperando por libertação, especialmente em "Outras" sociedades. *The Invention* postulou que de fato não havia "mulheres" como tal na sociedade iorubá, fazendo assim com que a afirmação de que a categoria mulher como sujeito de pesquisa ou libertação não é constituída pela natureza, e não existia antes do nosso interesse em estudá-la ou libertá-la.

O debate sobre o fundamentalismo de gênero. Durante este período, muitas feministas brancas estadunidenses escreveram sobre a opressão de gênero, representando-a como a forma mais importante de opressão na sociedade. Meu livro *The Invention*, questionou esse fundamentalismo, juntando vozes com um coro de feministas negras estadunidenses que insistem que os fatores de raça, gênero e os de classe são entrelaçados e inseparáveis. Assim, a fixação de gênero de feministas estadunidenses brancas era uma função da sua própria posição privilegiada de raça e classe. Ao mostrar que as categorias de gênero na sociedade iorubá são uma adição recente, *The Invention* problematizou a ideia de que a opressão das mulheres é fundamental para a organização social e o marco zero de todas as formas de opressão,

como uma série de feministas tinham postulado. Minha análise das categorias de gênero e raça na Nigéria colonial expôs o mesmo privilégio racial de que as mulheres brancas gozavam, um fato que muitas feministas negras na diáspora escreveram tão eloquentemente. Atualmente, a interseccionalidade – a ideia que na sociedade, existem múltiplos sistemas de dominação e subordinação interligados, que são impossíveis de separar um do outro – é aceita como um artigo de fé. Por exemplo, nos Estados Unidos, onde este conceito foi completamente desenvolvido, raça, gênero e classe são compreendidos para ser sistemas de poder entrelaçados que moldam a vida de todos porque estão incorporados nas estruturas da sociedade. Ultimamente, o conceito de matriz de dominação tem sido introduzido para ressaltar o fato de que gênero não pode ser um conceito unitário, e captar a natureza estruturalmente complexa e entrelaçada da desigualdade em qualquer sociedade dada. Umas das implicações destas conclusões para meu estudo da sociedade iorubá é prestar atenção às formas em que a antiguidade como privilégio está cada vez mais entrelaçada com gênero, de modo a privilegiar homens em interações e instituições que no passado não revelavam nenhuma superioridade masculina. Documento esse tipo inesperado de processo em um artigo recente (OYĚWÙMÍ, 2011, capítulo 01).

O debate sobre o quão profundo ou superficial foi o impacto da colonização europeia nas sociedades africanas. Um grupo de acadêmicos (chamo-lhes minimizadores) têm argumentado que a colonização foi melhor percebida como simplesmente um episódio na longa duração da história africana. Os estudiosos que assumem a posição de que o impacto da colonização foi superficial, apontam para o fato de que na maioria dos lugares em África, a colonização europeia mal durou um século. Por outro lado, existem estudiosos que insistem no impacto profundo da colonização em África. Para esses estudiosos, a quem chamo de maximizadores, a colonização não foi episódica, mas ocorreu com a perda da soberania de África e seus legados continuam ainda hoje. Em certo sentido, vejo o estudo documentado em *The Invention* como respondendo a este debate. A conclusão de que a sociedade iorubá não exibia gênero em seu pensamento e organização sociais até ser colonizada pelos britânicos, ressaltando o fato de que a colonização havia introduzido o gênero como uma nova maneira de pensar e organizar que teve efeitos profundos em todas as

instituições iorubás. O processo colonial também criou novas instituições, mais notavelmente o Estado, com todo o seu aparelho de poder, superioridade masculina e sua desigual distribuição de recursos.

O impacto da minha jornada: quem está lendo meu trabalho?

Em 2010, recebi um convite do Centro de Estudos de Gênero na Universidade do Cazaquistão para fazer parte de um grupo internacional que trabalhará em um projeto de gênero, nação e descolonialidade na Ásia Central. A diretora do Centro explicou que conheceram meu trabalho conceitual sobre discursos de gênero através dos escritos da autora russa, Madina Tlostanova. Um parágrafo de seu *Gender Epistemology in The Eurasian Bordeland* (Moscou, 2009, em russo, posteriormente publicado em inglês pela Palgrave) é dedicado ao meu livro *The Invention*. O livro de Tlostanova provocou um intenso debate na comunidade de estudos de gênero no Cazaquistão e ao redor do mundo. Embora a colaboração esteja pendente, fiquei feliz em ver a extensão público para meu trabalho. Meu público é inquestionavelmente global.

O livro *The Invention* tem sido bem sucedido, se usarmos como uma medida o fato de estar na sua quinta impressão. Como um texto acadêmico é lido em uma variedade de cursos disciplinares e interdisciplinares, e catorze anos após a sua publicação, continua sendo utilizado nas aulas em muitas partes do mundo. Regularmente recebo pedidos de professores, professoras e estudantes que me pedem para contribuir com suas discussões de aulas sobre o livro. Também recebo rotineiramente uma apreciação efusiva e às vezes questões desafiadoras de estudantes de várias partes do mundo. Continuo recebendo convites para dar palestras em conferências e instituições em vários países.

Também é gratificante notar que um ano após sua publicação, o livro foi finalista para o prêmio Herskovits da Associação de Estudos Africanos. *The Invention* gerou tanta paixão que, alguns anos atrás, um painel foi convocado na Associação de Estudos Africanos para realizar discussões intelectuais sobre isso. A audiência estava comprometida nos procedimentos que geraram discussões, comentários e perguntas saudáveis com os quatro membros do painel na sessão. É muito gratificante

experimentar reações fortes – positivas e negativas – dos meus colegas que me provam que por causa da qualidade do meu trabalho, não experimentarei o pesadelo de ser ignorada como escritora.

Em 1998, *The Invention* foi reconhecido na *American Sociological Association* com um prêmio de distinção na seção sexo e gênero. A citação, lida pelo presidente do comitê de premiação, lida em parte: "o principal valor deste livro para estudiosos de sexo e gênero é a maneira como nos força a examinar o caráter ocidental da nossa pressuposição fundamental de que gênero é um importante princípio organizador da vida social".

Mais recentemente, o editor de uma edição especial da revista *Gender and Society* comentou meu trabalho resumindo minhas contribuições para o campo da sociologia de gênero, da família, e do feminismo. Na introdução à edição especial da revista intitulada *"Conceptualizing Gender-Sexuality-State-Nation"* H.J. Kim-Puri explicou que meu trabalho mostra como uma

> abordagem de gênero euro-estadunidense-centrada, com suas noções preconcebidas de patriarcado e família nuclear, na verdade distorcem como o poder e a desigualdade são estruturados em diferentes contextos históricos e culturais. Interrogando o conceito de gênero aliado a categorias tais como "mulher", "família" e "diferenças sexuais" desde as perspectivas das culturas e epistemologias africanas, Oyěwùmí questiona por que o "gênero" é assumido de forma acrítica, sendo o princípio organizador fundamental e a categoria de diferença na teoria feminista/ocidental. Como muitos outros estudiosos que tem criticado o gênero como um conceito universal e atemporal, ela nos adverte sobre perder de vista a "situacionalidade" e "fluidez" dos contextos culturais em que as categorias sociais são produzidas (2005, vol. 19, n. 2, p. 137-139).

Próxima etapa da jornada: trabalho atual

Tendo escrito sobre gênero, família e sororidade, é inevitável que tenha feito um estudo sobre maternidade dada sua importância na teoria e na vida cotidiana dos indivíduos e das comunidades ao longo do tempo. Pessoalmente, a maternidade tem sido uma constante na minha vida desde o início dos meus estudos de pós-graduação. Na verdade, quando apareci para a pós-graduação em Berkeley, fui acompanhada por minha criança de dois anos. Meu atual foco na maternidade não é uma nova

descoberta. Em vez disso, é um acúmulo do meu pensamento e da minha escrita que sempre foi orientada para a compreensão desta instituição monumental. De fato, minha dissertação foi intitulada *"Mothers Not Women"*, na qual pretendia captar através dessa configuração o fato de que em muitas sociedades africanas, mãe é a identidade preferida e o nome que as mulheres adultas escolhem chamar a si mesmas. Além disso, também é evidente que em muitas sociedades africanas, as categorias mulher, esposa e mãe são representadas como diferentes umas das outras e evitam fusão. Minha compreensão de maternidade deriva do privilégio e responsabilidade com ela, e as formas como as mulheres ativistas têm usado-a e continuam a usá-la para se mobilizar politicamente contra os mestres coloniais e seus herdeiros contemporâneos.

Atualmente estou trabalhando em um livro intitulado *What is the Gender of Mothehood?*[3] Essa é uma questão insurgente, dado o tratamento da instituição [da maternidade] como o paradigma de gênero nos discursos feministas dominantes. Ao invés de ser contra intuitiva, essa questão segue logicamente dos meus resultados sobre gênero na minha pesquisa anterior, na qual mostro que gênero, como um princípio de organização social não é nem universal nem atemporal. Consequentemente, uma questão que devemos colocar, como a maternidade – o fato das fêmeas darem à luz – é compreendida e elaborada em tempos e lugares onde gênero não foi ontologizado ou escrito na natureza da existência social.

Conclusão

O principal objetivo da minha pesquisa tem sido trazer as experiências africanas para a constituição do conhecimento. Meu objetivo é procurar pelas categorias conceituais de África, as ferramentas teóricas e uma base de evidência na constituição de conhecimento sobre o continente e suas pessoas. Igualmente importante é a necessidade de as experiências africanas serem levadas em conta na construção da teoria. Meu trabalho emprega uma perspectiva comparativa e interdisciplinar, colocando em primeiro plano um ponto de vista africano que permanece amplamente desconhecido e sub-representado na academia. Grande parte da minha pesquisa e

[3] Publicado com o título *What Gender is Motherhood? Changing Yorùbá Ideals of Power, Procreation, and Identity in the Age of Modernity* (editora). Nova Iorque: Palgrave, 2016. (N. da T.)

escrita acadêmica usam as experiências africanas para iluminar questões teóricas pertinentes a uma ampla gama de disciplinas, incluindo sociologia, ciência política, estudos das mulheres, religião, história e literatura, em um esforço para ampliar a compreensão acadêmica para incluir culturas não-ocidentais. Em todo meu trabalho, espero fornecer uma compreensão mais matizada das formas em que as sociedades são complexas e mutáveis e, portanto, não podem ser compreendidas através de formulações reducionistas. Também tenho estudado e estou aberta para conceitos, teorias e experiências que emanam de outros contextos não-ocidentais na plena realização da natureza global dos processos históricos e emergentes que moldam as nossas vidas.

Referências

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́ (ed.). *Gender Epistemologies in Africa: Gendering Traditions, Spaces, Social Institutions and Identities*. Nova Iorque: Palgrave, 2011.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́ (ed.). *African Gender Studies: A Reader*. Nova Iorque: Palgrave, 2005.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́ (ed.). *African Women and Feminism: Reflecting on the Politics of Sisterhood*. Trenton (Nova Jersey): Africa World Press, 2003.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.